



Revista Affectio Societatis  
Departamento de Psicoanálisis  
Universidad de Antioquia  
[revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co](mailto:revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co)  
ISSN (versión electrónica): 0123-8884  
Colombia

2022

Leonardo Barreira Danziato

**Corpo, gozo e sintoma: ao corpse, gozo e sinthome**

Revista Affectio Societatis, Vol. 19, N.º 36, enero-junio de 2022

Art. # 5 (pp. 1-19)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia

Medellín, Colombia

# ARTÍCULO DE REFLEXIÓN

---



# CORPO, GOZO E SINTOMA: AO *CORPSE*, GOZO E *SINTHOME*

Leonardo Danziato<sup>1</sup>

Universidade de Fortaleza, Brasil

leonardodanziato@unifor.br

<https://orcid.org/0000-0002-8870-9123>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v19n36a05>

## Resumo

A partir da correlação originária no campo da psicanálise entre corpo e sintoma, percorremos os processos de deslocamento teórico na obra de Lacan, que demonstram e inoculam a função do gozo nesta correlação. Uma problematização entre corpo, gozo e sintoma, então se abre, e se desenvolve muito especialmente através das elaborações operadas acerca do campo do gozo. Essas elaborações, associadas à uma redução lógica do Outro (A), assim como às mudanças na concepção da estrutura de linguagem, ampliando-a para além da lógica da significação fálica e do Nome-do-Pai, e em direção ao real, determinam uma renovação da

problemática, deslocando aqueles três conceitos para novas configurações, como *corpse*, gozo e *sinthome*. A centralidade do real e todos os deslocamentos na elaboração do corpo e do sintoma, inevitavelmente se fundam e se modificam a partir dos movimentos da obra, no que tange a confrontação entre o campo da linguagem, suas possibilidades e impossibilidades de inscrição e grafia do real do gozo pela letra. A dimensão do real ganha aqui outro posicionamento e um radicalização de seus efeitos na prática clínica psicanalítica.

Palavras-Chave: corpo, gozo, sintoma, *corpse*, *sinthome*.

---

1 Psicanalista. Professor. Doutor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Ceará/Brasil).

## CUERPO, GOCE Y SÍNTOMA: AL *CORPSE*, AL GOCE Y AL *SINTHOMÉ*

### Resumen

A partir de la correlación originaria en el campo del psicoanálisis entre cuerpo y síntoma, se realiza un recorrido por los procesos de desplazamiento teórico en la obra de Lacan, que demuestran e inoculan la función del goce en esta correlación. Se abre, por tanto, una problematización entre cuerpo, goce y síntoma, la cual se desarrolla especialmente mediante las elaboraciones operadas acerca del campo del goce. Estas elaboraciones, asociadas a una reducción lógica del Otro (A), así como a los cambios en la concepción de la estructura del lenguaje, que se extiende más allá de la lógica de la significación fálica y del Nombre-Del-Padre, y hacia lo real, determinan una renovación de

la problemática, de esta manera desplazan esos tres conceptos en nuevas configuraciones, como *corpse*, goce y *sinthome*. La centralidad de lo real y todos los desplazamientos en la elaboración del cuerpo y del síntoma están inevitablemente fundamentadas y modificadas por los movimientos de la obra, con respecto a la confrontación entre el campo del lenguaje, sus posibilidades e imposibilidades de inscripción y de registro de lo real del goce por la letra. La dimensión de lo real gana aquí otra posición y una radicalización de sus efectos en la práctica clínica psicoanalítica.

Palabras clave: cuerpo, goce, síntoma, *corpse*, *sinthome*.

## BODY, *JOUISSANCE*, AND SYMPTOM: TO THE *CORPSE*, THE *JOUISSANCE*, AND THE *SINTHOMÉ*

### Abstract

From the original correlation in psychoanalysis between body and symptom, this paper reviews the theoretical displacement processes in Lacan's work which demonstrate and inoculate the role of *jouissance* in this correlation. Therefore, a problematization between body, *jouissance*, and symptom is opened and

developed primarily through the elaborations operated in the field of *jouissance*. These elaborations, associated with a logical reduction of the Other (A) and the changes in the conception of the structure of language, which extend beyond the logic of the phallic significance and the Name-of-the-Father, and towards the real,

determine a renewal of the problematic, thus displacing these three concepts to new configurations, as *corpse*, *jouissance*, and *sinthome*. The centrality of the real and all the displacements in the elaboration of the body and the symptom are inevitably founded and modified by the movements of the work, regarding the confrontation between the field

of language and its possibilities and impossibilities of inscription and registration of the real of the *jouissance* by the letter. The dimension of the real gains here another position and radicalization of its effects in the psychoanalytic clinical practice.

Keywords: *body*, *jouissance*, *symptom*, *corpse*, *sinthome*

## CORPS, JOUISSANCE ET SYMPTÔME : AU CORPSE, À LA JOUISSANCE ET AU SINTHOME

### Résumé

Partant de la corrélation originelle entre le corps et le symptôme dans le domaine de la psychanalyse, cet article retrace les processus de déplacement théorique dans l'œuvre de Lacan, qui démontrent et inoculent la fonction de la jouissance dans cette corrélation. On interroge ainsi la relation entre corps, jouissance et symptôme, notamment à travers les élaborations opérées à propos du domaine de la jouissance. Ces élaborations, associées à une réduction logique de l'Autre (A), ainsi qu'aux changements dans la conception de la structure du langage qui s'étend au-delà de la logique de la signification phallique et du Nom-du-Père et vers le réel, déterminent un renouvelle-

ment de la problématique. Ces trois concepts sont ainsi déplacés dans de nouvelles configurations, telles que celles de *corpse*, de jouissance et de *sinthome*. La centralité du réel et de tous les déplacements dans l'élaboration du corps et du symptôme sont inévitablement fondés et modifiés par les mouvements de l'œuvre, par rapport à la confrontation entre le champ du langage, ses possibilités et impossibilités d'inscription et de registre du réel de la jouissance par la lettre. La dimension du réel prend ici une autre position et une radicalisation de ses effets dans la pratique clinique psychanalytique.

Mots clés : corps, jouissance, symptôme, *sinthome*, *corpse*.

Recibido: 3/10/2021 • Aprobado: 7/05/2022

## Corpo, gozo e sintoma

Para acompanhar Lacan no percurso da sua obra no que tange a articulação entre corpo e o sintoma vou propor um pequeno desvio para rever as condições teóricas e discursivas que o fizeram avançar neste ponto e em alguns outros. Acho importante se deter nesta trajetória para que se possa considerar as causas que o fizeram progredir com sua doutrina, e não unicamente assinalar os deslocamentos da obra. Esse desvio também vai fundamentar minhas futuras considerações sobre seu último ensino e a concepção do corpo como uma “substância gozante”. Para não me repetir, ou mesmo simplesmente reproduzir a cantilena de que Lacan progrediu do imaginário ao real, colocando-o no centro da estrutura, vou tentar chegar a isso, mas através da dimensão do gozo. Vamos partir da articulação entre corpo, gozo e sintoma, para alcançarmos suas “ampliações”: *corpse*, gozo e *sinthome*.

Certamente que o principal aspecto que se desloca na obra de Lacan e nos permite constatar essas mudanças, é o campo do gozo. A centralidade do real e todos os deslocamentos na elaboração do corpo e do sintoma, inevitavelmente se fundam e se modificam a partir dos movimentos da obra, no que tange a confrontação entre o campo da linguagem, suas possibilidades e impossibilidades de inscrição e grafia do real do gozo. Não custa esclarecer que o gozo não se resume a um conceito, mas deve ser considerado como um campo, o campo do humano, como o define Lacan (1992/1969-70). Chegaremos a isso.

Pode-se, então, constatar que num primeiro tempo da obra de Lacan, essa articulação entre corpo, sintoma e gozo apresentava-se a partir de uma confrontação entre os registros do simbólico e do imaginário, ficando o real numa posição de exclusão. Explico: é claro que o real sempre foi considerado desde o início das problematizações psicanalíticas, remontando mesmo à pulsão freudiana e o seu “além do princípio do prazer”. Entretanto a posição e as consequências desta dimensão foram gradativamente ganhando uma radicalidade, tanto na obra de Freud, como na obra e Lacan. Neste último o real era apresentado, na sua definição como impossível, ou na grafia de uma

falta da estrutura como  $S(A)$ . Entretanto, Lacan ainda não retirava as consequências clínicas e teóricas dos restos da operação de significação ( $S1 \rightarrow S2$ ), como o que se produzia desta impossibilidade. A criação do objeto pequeno *a* viria iniciar com essas preocupações.

Corpo, gozo e sintoma estavam submetidos a batuta da significação do falo e do Nome-do-Pai em suas lógicas de abalçamento significante da estrutura. O que tínhamos até então, era todo um desenvolvimento teórico cuja centralidade do falo e do desejo buscavam reduzir a problemática do gozo ao imaginário, seus equívocos e desconhecimentos. Como sugere Miller (2005) esta primazia do falo intentava uma transcrição significante da pulsão e um esforço em reduzir a pulsão ao desejo. Consequentemente, o gozo estaria saturado e submetido a instância fálica (p. 121), ou entendido no âmbito de uma lógica imaginária de inércia com relação a dinâmica simbólica (p. 122).

No escrito “A significação do falo” Lacan (1998a) estabelece o falo como o significante inaugural que abaliza toda significação possível da cadeia simbólica. Chega a propor uma “paixão do significante” como uma nova dimensão da condição humana (p. 695), entendida como a submissão passiva do homem à linguagem. Fundado na dialética de ser ou ter, o ser vai se apresentar como algo perdido originariamente pela *Urverdrangnung* (recalque originário), cuja herança não é outra senão o falo. Perde-se o “ser” pela operação da privação originária determinada pela submissão à linguagem. Mas se herda a possibilidade de tomar o falo como referência para alguma significação para o “ser homem” ou “ser mulher”.

Observe-se que o ser aqui se apresenta na sua condição de perdido eternamente, ficando de fora de toda e qualquer significação, cuja única possibilidade, a partir daí, se daria pela sua referência ao significante falo. Curiosamente Lacan preocupa-se com a lógica da significação do falo, mas não problematiza, neste momento, o ser que fica de fora desta operação. O ser perdido, não nos diria nada, só determinaria todo o trabalho e a dificuldade em estabelecer um saber inconsciente sobre o sexo, para se identificar com seu tipo-ideal de homem ou de mulher, na relação de significação com o falo.

Pois bem, este ser retornará posteriormente sustentado pelo traço unário na lógica simbólica da identificação, mas também em sua versão do real como um tipo de gozo, o “gozo do ser” que, como sabemos, se situa fora da linguagem e da significação.

Ainda um pequeno comentário sobre a estrutura: a perda da coisa operada pela privação originária determinaria uma falta primária. Esta falta, contudo, não é tratada, neste momento, como um buraco da estrutura, causador do sujeito, já que o falo vem lhe fazer uma suplência suficiente. Certamente que o falo não vem superar a falta, mas organizá-la (Lacan, 2003). De todo modo, aqui o ponto de Arquimedes da estrutura é o falo. Já em *RSI* Lacan (2002/1974-75) vai afirmar que é o buraco. Uma mudança considerável.

Nessas circunstâncias onde o gozo é concebido unicamente em sua transcrição pela instância fálica, o corpo e sintoma permanecem restritos à lógica simbólica da significação. O sintoma era engendrado no âmbito do campo simbólico, como uma metáfora, uma mensagem de ordem significativa, que buscava um deciframento, ou seja, como uma forma de falar o que o sujeito se via impedido de dizer.

O corpo, por sua vez, se inicialmente estava atrelado a imagem do outro, como apresentado no “O estádio do espelho...” (Lacan, 1998b), com sua progressão para o esquema óptico (Lacan, 1998c) encontra-se vinculado à submissão que o imaginário suporta diante do simbólico do espelho plano e dos Ideais (I) fálicos abalizadores do olhar do outro.

Um pequeno parêntese sobre o esquema óptico. Observe-se que no primeiro tempo deste esquema, o olhar do outro, abalizado por uma paralaxe sustentada pelo falo, olha e vê uma imagem real (i(a)) da criança, deixando o corpo real (o jarro), fora do jogo. Mais um real excluído que retornaria para Lacan na forma de um gozo do corpo.

### *A imponência do resíduo*

A partir do seminário *A ética da psicanálise* (Lacan, 1988/1959-60), o gozo se apresenta na obra de Lacan na forma de um excesso e uma

transgressão, exatamente para indicar a insuficiência do simbólico para dizer daquilo que não se deixa inscrever pela lógica significante. Por isso reputo o seminário sobre *A ética da psicanálise* como o momento na obra de Lacan que determina um primeiro deslocamento que culminaria nos seminários *A angústia* e *Os fundamentos da psicanálise* com a criação do objeto pequeno *a*. Considero que ele vai situar pela primeira vez o real no centro da estrutura, quando propõe sua tese tórica, de que a moral tenta moralizar o que não pode ser moralizável. A moral se constituiria, portanto, em torno do impossível e moralizar: o gozo.

O falo e o desejo se mostram insuficientes para dizer da pulsão e sua satisfação. Toda uma discussão sobre o supereu e os paradoxos da consciência moral, desenvolvidas neste seminário, demonstram a complexidade da trama entre a ordem simbólica e o gozo com suas inevitáveis transgressões.

Trata-se do momento no qual se inicia um confronto direto entre o simbólico o real. A partir daí Lacan vai se preocupar em dar conta dos efeitos da incidência do significante no real, muito especialmente dos resíduos que esta operação produz. O objeto pequeno *a* foi sua tentativa de demonstrar esse excedente irreduzível à operação significante.

Sabe-se que os seminários *A Angústia* e *Os fundamentos da psicanálise* estabelecem os primeiros arremates desta nova preocupação. Pois daí em diante o gozo passa a ser teorizado a partir do objeto *a*. Não vou me deter na discussão destes seminários, pois mais me interessa para o que nos concerne, um outro deslocamento que se opera a partir do seminário *A lógica do fantasma* (Lacan, 2008/1966-67).

Neste seminário, Lacan apresenta pela primeira vez em sua obra uma nova problematização acerca do lugar do Outro (A), situando-o no corpo. Também vai fazê-lo posteriormente em "Radiofonia" (Lacan, 2003). Chega a isso a partir da constatação de que é no corpo que se inscreve a marca do significante, as inscrições e as cicatrizes – ou, por minha conta, as escarificações, martirizações, fraturas, mutilações etc. Consequentemente afirma que "não há gozo que não seja do cor-

po” (Lacan, 2008/1968-69, p. 403). Contrariamente a tese freudiana do autoerotismo, Lacan impõe a ideia que o gozo sempre provém do outro pela intervenção ou invasão de caráter sempre sadéana – Kant com Sade. O gozo do corpo, portanto, é sempre o gozo do corpo do Outro, esse inimigo íntimo, essa substância gozante, à qual estamos inevitavelmente “c-a-tivos”. Eis o “avesso do *habeas corpus*”.

Observe-se que temos neste período uma condensação de vários deslocamentos cruciais para o entendimento do nosso tema: primeiro, constata-se uma preocupação teórica e metodológica importantíssima para tudo o que vem em seguida, a saber, a problematização dos efeitos da incidência do significante no real, mas cuja localização é no corpo.

Vou apenas sinalizar, para em seguida retornar a eles, que os principais efeitos dessa incidência do significante no corpo são pelo menos três que, obviamente, devem ser concebidos como sincrônicos:

1. Um primeiro e originário que diz respeito ao *troumatisme*, ou seja, o esburacamento traumático do corpo pela submissão a ordem significante. É importante esclarecer que não se trata mais de considerar a incidência significante sobre a superfície prévia de uma realidade, ou de um corpo orgânico, ou ainda, da realidade orgânica do corpo. A posição de Lacan aqui é mais radical e rompe com a tradição do realismo transcendental freudiano: o buraco, a falha, são originários. A estrutura se constitui a partir desse buraco (Fierens, 2018). Em decorrência deste, temos os outros dois.
2. A extração do objeto *a* e a conseqüente evacuação do gozo do corpo (Lacan, 2008/1968-69), que Lacan denomina de “corpsificação”, ou cadaverização do corpo, fazendo referência e uma aproximação transliteral dos termos *corpse* (cadáver) em inglês e *corps* (corpo em francês). Essa anulação do gozo no corpo como efeito do significante foi a primeira preocupação de Lacan que se observa neste período que inclui os seminários 16 e 17 além do escrito “Radiofonia”.
3. Um terceiro efeito do significante marcaria mais um deslocamento estabelecido no seminário *Encore* e seus desenvolvimentos daí por diante, que implica não o esvaziamento, mas a produção e

intensificação do gozo no corpo, na forma de um mais-de-gozar, operando a instauração de um corpo que goza na forma de uma substância gozante (Lacan, 2010/1972-73). A constatação desse efeito “positivado” da incidência do significante no corpo, vai dirigir seus últimos desdobramentos teóricos que o distanciam da aderência aos significantes falo e o Nome-do-Pai, constituindo o que vai denominar de *sinthome*, a partir da topologia dos Nós. Retornaremos a isso.

Esta problematização que confronta o significante e o real do corpo produz e sustenta um outro deslocamento fundamental: uma redução lógica do grande Outro ao outro, que passa a ser entendido como o corpo, e que viria a ser desenvolvida a partir do seminário *De um Outro ao outro* (Lacan, 2008/1968-69). O grande Outro (A) do simbólico, vê-se reduzido a sua condição de operar uma grafia do real. Na lógica dos discursos, inaugurada no seminário *O avesso da psicanálise* (Lacan, 1992/1969-70), a linguagem passa a ser concebida como um aparelho de gozo, ou seja, uma estrutura discursiva sem palavras, que permite confrontar o saber e o gozo. Esse Outro (A) que desde o início se definia como um Outro da linguagem, em sua condição simbólica, agora estabelece uma confrontação e uma outridade com a estrutura, situando-se fora-da-linguagem na dimensão real. Passa a ser um outro à linguagem, ou seja, numa lógica oposicional à linguagem: o Outro Real passa a se situar fora-da-linguagem, forçando uma grafia e uma escritura possíveis.

Portanto, mais que a lógica da significação estabelecida pela máxima “um significante (S1) representa um sujeito para outro significante (S2)”, ou seja, pela cópula entre S1 e S2, Lacan vai demonstrar que a incidência de S1 no campo do Outro (A), que agora se localiza no corpo, lança um resto inassimilável como uma produção deste discurso. Por isso mesmo altera a escrita desse axioma, enunciando que “um significante representa o sujeito junto a outros significantes” (Lacan, 1992/1969-70, p. 11).

No seminário *De um Outro ao outro* Lacan (2008/1968-69) demonstra, a partir do par ordenado, que a conexão  $S1 \rightarrow S2$ , nunca se estabelece, já que este outro já não se caracterizaria como um outro

do simbólico, mas do real, ou se quiserem no corpo. De maneira que a equação se conclui e vê-se reduzida como  $S \rightarrow a$ . Ou seja, um significante que opera uma interveniência no real. Nesse momento a linguagem deixa de ser unicamente um campo de significação operado pela oposição significante ( $S1-S2$ ), e passa a ser concebida como um aparelho de grafia do real do gozo do corpo. Por isso mesmo que Lacan deixa de defini-la como uma cadeia e passa nomeá-la como um “enxame”. Um amontoado de “S’s um” (*S un*) que, na língua francesa, produz uma homofonia com *l’essaim* (enxame):  $S1 \rightarrow a$ .

Esse seminário também traz uma grande novidade a de considerar este excesso como um modo de gozo, um mais-de-gozar. Não se trata mais de uma transgressão, mas de uma produção de um resto da operação significante. Este resto, contudo, passa a ser considerado em sua “positividade”, ou seja, como um gozo que não é do campo significante, que por isso mesmo se situa na dimensão real, movimentando a estrutura discursiva e operando como causa do sujeito. Estamos diante de toda a imponência do resíduo.

Essa redução lógica do Outro implica, portanto, na determinação de outra localização e função para a estrutura de linguagem. Como a função do significante se altera, já que disposta ante o real – e não mais diante do imaginário –, a linguagem transmuta suas funções, tornando a significação um efeito de semblante, e promovendo sua função primária de recorte e escritura do real. Aqui se opera o deslocamento do significante para a letra, e da linguagem para *lalingua*.

Daqui por diante estaremos confrontados com a disjunção entre o sujeito e seu corpo. O sujeito não é seu corpo, mas o corpo é um suporte real do sujeito. O sujeito que se representa na equação simbólica  $S1 \rightarrow S2$ , confronta-se com o corpo cuja escritura – o objeto *a* – vai funcionar como seu suporte real. De maneira que a inclusão do corpo em sua dimensão real, vai demonstrar a insuficiência do sujeito, enquanto uma categoria clínica. Daqui por diante, Lacan utiliza-se de outro nome para designar esse conjunto que seria o sujeito adicionado do seu corpo falante: o *parlêtre*, ou falasser. O corpo do falasser não é redutível ao significante. Por isso mesmo, entre os dois podemos situar o sintoma.

## *Corpse, gozo e sinthome*

Retorno, então, àquele primeiro efeito da incidência do significante sobre o corpo que opera um esvaziamento do gozo do Outro. Vou me deter em dois textos referenciais desta operação, o seminário *De um Outro ao outro* (Lacan, 2008/1968-69) e o escrito “Radiofonia” (Lacan, 2003), que demonstram toda a preocupação de Lacan com este enodamento entre o simbólico e o corpo, ou como ele mesmo diz, com o ponto onde o simbólico toma corpo (p. 405).

Tendo estabelecido o corpo como a superfície que porta a marca significante e, portanto, como o que se situa como um Outro do real, Lacan vai neste segundo tempo da sua obra, concebê-lo como um conjunto vazio. Se em seu primeiro ensino o corpo era abordado pela identificação e pela adoração narcísica da sua imagem, agora ele será entendido em sua relação com o gozo anterior à imagem, como uma superfície de inscrição e grafia de gozo. Trata-se do momento no qual o corpo deixa de ser concebido como imagem, ou melhor, como efeito da identificação com a imagem do outro (i(a)), e passa a se inscrever como um conjunto vazio. Como esclarece Laurent (2016), o corpo deixa de ser um simples efeito de superfície e torna-se a superfície de inscrição que suporta o objeto *a* (p. 40).

Proponho partir da constatação de que na coalescência entre a linguagem e o corpo, um *troumatisme* se estabelece, determinando que “não há relação sexual” (Lacan, 2003). Considerando que o gozo se inscreve por uma invasão do Outro, numa lógica sadeciana, a condição inicial do sujeito sempre é a de um objeto disposto diante do gozo do Outro. Esse ataque proveniente do *troumatisme* precisa ser tratado pelo simbólico, transmutando e evacuando o gozo do corpo. Neste ponto situamos o sintoma aqui definido por Lacan (2003/1975), como um “acontecimento do corpo”, ou seja, como uma tentativa de cifrar esse gozo do corpo, encaminhando uma solução como um sentido para o real. Quer dizer: o sintoma, neste momento, não se define freudianamente como uma “formação do inconsciente”, ou como uma metáfora, mas deve ser considerado como uma grafia do real, ou seja, um S1 que não tem como objetivo encontrar o S2 operando uma significação, mas um S1 sem sentido, que busca “nominar” o real (Lacan, 2002/1974-75).

Por outro lado, estamos diante de todo o processo identificatório primário de constituição do corpo através da incorporação do vazio do Outro real e de bordamento deste mesmo vazio pelo traço unário, sobre o qual Lacan retornará no *Seminário 24, L'insu que sait...* (Lacan, 1976-77).

No seminário *De um Outro ao outro*, especialmente em duas lições preciosas – as lições de 12 de março e de 26 e março de 1969 – Lacan, partindo da dependência do sujeito diante da demanda do Outro ( $\$ \langle D \rangle$ ), esclarece que algo precisa ser feito para que haja um esvaziamento do gozo do Outro. Se esta operação não se fizer o Outro se apresentará como um bloco de gozo, intrusivo e devastador para o sujeito. O campo da linguagem, só se constitui assim se tiver sido ter-  
raplanado e evacuado deste “intolerável de gozo”. O que nos indica, obviamente, que é possível um gozo tolerável, contanto que nele se faça uma evacuação e uma borda.

Em “Radiofonia”, Lacan (2003) vai descrever uma operação primária de incorporação da linguagem na constituição do corpo, e a define afirmando que “o primeiro corpo faz o segundo, por se incorporar nele” (p. 406). O primeiro corpo, o verdadeiro que é a linguagem, faz com que o segundo aí se incorpore. Essa incorporação é a operação por onde se constitui o corpo do falasser, transmutando o soma (organismo) em corpo simbólico. Com isso a linguagem *corpsifica* o corpo (p. 407). Pelo esvaziamento do gozo operado pela incidência do significante, a carne se negativiza, na condição de -1, operando uma disjunção entre corpo e carne.

Esse esvaziamento da carne em sua dimensão real, demonstra a condição simbólica do “incorporal”. Aqui Lacan lança mão das categorias dos estóicos, especialmente o *Lekton*, para fazer referência a esse elemento imaterial que se apresenta na palavra ou na frase. A incorporação da linguagem, esvazia o corpo do gozo do Outro, tornando-o um incorporal. Essa é uma operação absolutamente necessária para o que o *parlêtre* suporte “ter um corpo” com seus efeitos de real.

Lacan (2003, p. 407) utiliza-se da sepultura para ilustrar o processo de cadaverização do corpo. Ele lembra como essa descoberta pelos antropólogos indicava a condição simbólica da espécie humana

porque comportava os objetos de gozo do corpo em torno do vazio das ossadas. Os subelementos do conjunto, indicavam o excesso dos instrumentos/objetos de gozo do corpo. Este corpo corpsificado, cadaverizado pela linguagem, nunca se tornará carniça. A sepultura demonstra como ele porta a marca significante e se constitui como um conjunto vazio. Ela mesmo é um conjunto lógico, ao estilo de Cantor – o matemático – já que articula o corpo vazio com os objetos do seu gozo (Laurent, 2016). Como um conjunto congrega ao mesmo tempo o corpo/corpse, o vazio/incorporal e os objetos de gozo.

Alguns comentários clínicos que considero importantes sobre esse processo de corpsificação do corpo.

Primeiro: nessa condição lógica de conjunto, o corpo consegue se contar como Um. Ao contrário da unidade imaginária do espelho, o Um plotiniano do imaginário, estamos aqui diante de outro Um, o do simbólico, que permite a notação do conjunto vazio como primeiro conjunto, portanto, como Um ( $\{\emptyset\} = 1$ ), tal como demonstrou Frege, muito utilizado por Lacan. Portanto, toda a importância da identificação primária a partir da incorporação do vazio do Outro Real, como Lacan apresentou nos seminários *RSI* e no *L'insu que sait...*, já se anuncia aqui.

Por outro lado, sugiro considerar clinicamente que essa operação de corpsificação, de evacuação do gozo do Outro e de extração do objeto pequeno *a*, não se realiza completamente. O corpo não logra inscrever todo o gozo, assim como não consegue negativamente o objeto *a*, de maneira que um excesso disfuncional, assim como “presenças de *a* positivado” (Amigo, 2013), sempre são possíveis na clínica.

Por esta via pode-se esclarecer situações clínicas como os “fenômenos psicossomáticos”, assim como o que denominei de “práticas do ato”, tais como as bizarrices do eu, a violência autoinfligida, as escarificações na forma de cortes, queimaduras, mutilações ou fraturas de partes do corpo, o auto espancamento, a exposição voluntária às situações de violência, pseudo acidentes, entre outros, dentro de uma vasta fenomenologia possível. Como diz Lacan (2002/1974) em

“A terceira”, o objeto *a* não é identificável, mas apenas seus pedaços como “estilhaços no corpo” (p. 53).

Nesses casos, a função significativa de corporificação que deveria silenciar o real do corpo e dos órgãos, assim como o sintoma como uma grafia da letra que produz uma fixação de gozo no corpo, fracassam, deixando ao *parlêtre* a única possibilidade de tentar cifrar o gozo através do ato como um corte direto na imagem real do corpo.

## Substância gozante e *sinthome*

A partir do seminário 20 mais do que a mortificação do gozo Lacan (2010/1972-73) vai privilegiar o efeito de gozo do significante em sua incidência sobre o corpo, ou seja, uma vivificação do corpo. Entretanto, já não se trata unicamente de conceber o corpo como um conjunto vazio, ou uma superfície de inscrição, mas como lugar do gozo, um gozo do corpo que não se articula com o falo, mas com o “Isso” freudiano. A partir daqui o *parlêtre* deve tentar dar conta do fato de “ter um corpo”.

Definir o corpo como uma “substância gozante” implica primeiramente que o corpo não encarna um ser. Obviamente que Lacan mantém aqui sua interlocução com Descartes, que propôs uma redução do corpo à substância extensa. Contra essa ideia, ele propõe um corpo que goza, e como uma substância, ele “se goza” (Miller, 2005 p. 151). Como disse acima, esse se gozar não implica um valor autoerótico, já que o corpo é Outro.

Tanto no seminário *Encore*, como em “A terceira” (2002/1974) Lacan joga foneticamente com o cogito, inoculando no pensamento o gozo, deduzindo que “penso, logosou” – que podemos traduzir como “logozou”. Com isso recusa a tradição cartesiana, afirmando que não se pensa sem corpo, nem tampouco sem gozo. Na “Conferência em Genebra sobre o sintoma” (Lacan, 1985/1975) afirma que o homem pensa no encontro entre as palavras e seu corpo. Lembro que neste encontro se estabelece um buraco e um vazio, confirmando a tese

freudiana em “a negativa”, que só se pensa a partir de uma falta no universo da linguagem.

Por outro lado, como uma substância – seguindo Descartes – ela não pode ser atribuída ao sujeito, pois se trata de um gozo fora-da-linguagem como um gozo do Outro. Isso me permite esclarecer a diferença entre o sujeito e o *parlêtre*. Enquanto o sujeito permanece numa condição intervalar entre dois significantes, restrito, portanto, a sua condição significante, o *parlêtre* implica o sujeito adicionado da substância gozante. *Parlêtre*, portanto, é o nome apropriado para este sujeito, não unicamente entre dois significantes, mas entre dois modos de gozo, o fálico e o Outro, na lógica da sexuação.

O gozo ganha neste momento seu caráter primário, uma dimensão de campo onde o drama estrutural se encena. Primeiro é “ter um corpo” e não ter uma imagem. Se no espelho o corpo era suportado por um pai, pelo falo e pela identificação imaginária, agora estamos situados num tempo anterior, quando o corpo é outorgado pelo dizer, como um eco da pulsão. Neste tempo anterior a unificação do espelho e da imagem, “L’homme” – “LOM” – tem um corpo. Ter um corpo, contudo, não engendra nenhuma posse, nem nenhum ser. Não se é o corpo, tem-se o corpo. Lacan (2003/1975) vai esclarecer em “Joyce o sintoma” que LOM tem um corpo, cujo gozo não é significante, por pertencer ao mesmo tempo a três ordens: RSI.

Para concluir: nessa condição de “ter um corpo”, nesse tempo originário anterior à imagem, o *parlêtre* fica disposto diretamente diante do real, sem a interpolação do significante, mas diante da pulsão como um eco do dizer, que se manifesta via *lalingua*, esse “idiomaterno” com o qual vai “ficxar” e cantar, buscando cifrar com a letra o gozo do corpo. Diante do buraco do corpo, próprio do *troumatisme*, o *parlêtre* é convocado a “fazer com”, produzindo um saber inconsciente e um *sinthome*, que lhe permita “saber-aí-fazer” (Harari, 2002). O sintoma, portanto, é uma resposta, uma solução encontrada pelo *parlêtre* para dar sentido ao real da “não relação sexual”. Por isso mesmo que Lacan (2003) o define como um “acontecimento do corpo” e sugere ser a mulher um sintoma para o homem. A mulher apareceria na fantasia masculina como uma possibilidade e uma cifra do gozo,

como o que do gozo se apresenta no real. Como diz Lacan, a mulher (Eve, E-vie, Eva) é um dos nomes de Deus (Lacan, 2007/1975-76).

O sintoma passa a ser uma tentativa de fazer uma “cifra de gozo”, não cessando de se escrever no real, tal como o define Lacan em “A terceira” (Lacan, 2002/1974, p. 59). Ele tenta incessantemente dar um sentido ao real da “não relação sexual”, “ficcionando” e “fixando” o gozo através da letra. Por isso mesmo que a interpretação deve visar o real e não alimentar o sintoma de sentido (p. 59). Na cadeia borromeana, tal como exposto em *RSI* (Lacan, 2002/1974-75), o sintoma vai ser definido como uma nomenclatura do simbólico, invade o real, buscando uma suplência à falta de sentido.

Na “Conferência em Genebra...”, Lacan (1985/1975) vai propor uma nova articulação entre o inconsciente e o sintoma. Partindo da definição de *lalíngua* e seu *motérialisme*, como a primeira marca da letra no corpo, que se apresenta na forma de uma equivocação e um gozo com a lalação (p. 11), esclarece que o inconsciente e o sintoma se produzem e se estabelecem a partir de uma transcrição dessa originária equivocação de *lalíngua*, numa impregnação da linguagem. Ou seja, os sentidos sintomáticos vão se cristalizando na infância na forma de um saber inconsciente.

Retornando à Hans, define o sintoma como o efeito de sentido produzido pelo encontro do sujeito com sua realidade sexual, essa mesma da “não relação sexual”. E afirma: “...o inconsciente é uma invenção no sentido em que é uma descoberta que está ligada ao encontro que certos seres têm com a própria ereção” (Lacan, 1985/1975, p. 12). A linguagem e o significante introduzem, portanto, um aparelho de gozo e de sentido, que busca traduzir a equivocação de *lalíngua*: *jouis-sens*.

Entretanto, essa amarração de sentido não consegue transcrever todo o gozo do corpo, o que demonstra a insuficiência da linguagem e dos significantes falo e o Nome-do-Pai, e do próprio saber inconsciente, na sua função de grafia do gozo. Uma cota de gozo fica de fora do trabalho linguageiro do sintoma, exigindo uma operação de outra ordem. Essa “lamela” que situa a libido como um órgão não homogê-

neo ao gozo fálico, exige um tratamento de uma outra ordem que não a transcrição significante.

Essa exigência clínica faz com que Lacan (2007/1975-76) se desloque do sintoma para o *sinthome*. A partir da constatação do sintoma de Joyce, Lacan vai propor um outro trabalho possível com o gozo do corpo, que não se submeta, nem se referencie à instância fálica, ou à castração, ou mesmo ao Nome-do-Pai. Porque na verdade essa operação vem lhes fazer uma suplência. Lacan vai definir a “nomação” como esta operação possibilitada pelo *sinthome*.

Como a estrutura de linguagem se demonstrou insuficiente na transcrição do gozo do corpo e para nomear o real – já que Deus não nomeou a bactéria (Lacan, 2007/1975-76) – o *sinthome* vem lhe fazer uma suplência possibilitando um “dar um nome” ao real. Para dizer desta função de nomação, Lacan inverte o Nome-do-Pai, e passa a considerá-lo como Pai-do-Nome. Uma invenção aqui é necessária, produzindo um *savoir-y-faire*, ou como traduz literalmente Harari (2002), um saber-aí-fazer. Como diz Aurélio Souza, “...o *sinthome* ganha o estatuto de um significante novo que não está ligado à história do sujeito, à repetição e nem mesmo ao retorno do recalado, mas a algo que LOM produz com sua arte como uma invenção” (Souza, p. 20).

Essa nomação vai articular a palavra e o gozo não pelo sentido comum, mas pela grafia de gozo de lalingua, criando nomações. Por isso mesmo possibilita ao *parlêtre* a fundação do seu nome próprio, elevando-o a uma condição do “belo” na forma de um *escabeau* (escabelo). Em “Joyce, o sintoma”, Lacan (2003/1975) demonstra como ele pode prescindir do Nome-do-Pai, utilizando-se do escabelo para elevar seu nome próprio, que queria que sobrevivesse como nunca.

Com essa noção de escabelo, não se trata de encaminhar uma estética imaginária e narcísica como na lógica do espelho. Mas uma forma do *parlêtre* embelezar esse buraco que o corpo do LOM tem. Proponho, para que fique como uma questão em aberto, que se trata, como uma operação de análise, de feminilizar o buraco, propiciando uma variedade de nomações e matizes muito próprios do feminino. Talvez esta seja a melhor forma de amar a falta, bem dizendo este fe-

minino que se pode encontrar na condição de objeto que o corpo nos impõe: “santo-matizar” o buraco.

## Referências

- Amigo, S. (2013). *Clínicas del cuerpo: lo incorporal, el cuerpo, el objeto a*. Letra Viva.
- Fierens, C. (2018). *Lecture du sinthome*. Érès Editions.
- Harari, R. (2002). *Como se chama James Joyce? A partir do seminário Le sinthome de J. Lacan*. Ágalma.
- Lacan, J. (1976-1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Inédito. <http://staferla.free.fr/S24/S24.htm>
- Lacan, J. (1985/1975). Conferência em Genebra sobre o sintoma. In *Campo Psicanalítico*, 5, 5-23. <https://lacanterafreudiana.com.ar/2.5.1.25%20%20%20CONFERENCIA%20EN%20GINEBRA%20SOBRE%20EL%20SINTOMA,%201975.pdf>
- Lacan, J. (1988/1959-1960). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1992/1969-1970). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998a). A significação do falo. In *Escritos* (pp. 692-703). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998b). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos* (pp. 96-103). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998c). Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In *Escritos* (pp. 96-103). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2002/1974). A terceira. In A. Ferreto et al., *Caderno Lacan. Volume 2* (pp. 39- 71). Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- Lacan, J. (2002/1974-1975). *Seminário 22: RSI (Versión crítica)*. Publicación para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Mimeografada.
- Lacan, J. (2003). Radiofonia. In *Outros escritos*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003/1975). Joyce, o sintoma. In *Outros escritos* (pp. 560-566). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2007/1975-1976). *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008/1966-1967). *A lógica do fantasma – Seminário de 1966-67*. Centro de Estudos Freudianos do Recife. Publicação não comercial exclusiva para os membros do CEF do Recife.
- Lacan, J. (2008/1968-1969). *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Jorge Zahar.

- Lacan, J. (2010/1972-1973). *Encore*. Escola Letra Freudiana. A. Teixeira Ribeiro (Trad.), Edição não comercial.
- Laurent, E. (2016). *El reverso de la biopolítica*. Grama Ediciones.
- Miller, J-A. (2005). *Silet. Os paradoxos da pulsão de Freud à Lacan*. Jorge Zahar.
- Souza, A. (2002). Prefácio à edição brasileira. In R. Harari, *Como se chama James Joyce? A partir do seminário Le sinthome de J. Lacan* (pp. 9-20). Ágalma.